

# Palmeira seca

Jorge Fernando dos Santos

Projeto de trabalho  
interdisciplinar

Guia do professor



Este guia tem em vista aprofundar a reflexão sobre alguns dos temas tratados na obra *Palmeira seca*, entre os quais a relação entre tradição e liberdade, a superstição e a morte.

As atividades aqui sugeridas estão divididas em três partes. As primeiras se destinam a motivar o aluno para a leitura integral da obra. O conjunto de atividades seguinte procura promover a integração entre texto e contexto, utilizando o primeiro como ponto de partida para atividades que visem aprofundar a discussão sobre os temas. As atividades da terceira parte consistem na preparação e encenação do julgamento de uma das personagens do livro. Professores de todas as disciplinas podem contribuir para a realização das atividades presentes neste guia, uma vez que elas não se referem a um conteúdo específico, mas a procedimentos de leitura e pesquisa, bem como ao desenvolvimento de valores e atitudes.

## Motivação para a leitura

1. Como início dos trabalhos, prepare os alunos para o texto que vão ler. Diga-lhes que se trata de uma obra de teor mais adulto, atraindo-os para o desafio. Depois faça circular um exemplar de *Palmeira seca* entre os alunos e fale superficialmente sobre a história e os temas tratados. Sugestão: exiba o filme *Lendas da paixão* (*Legends of the fall*, EUA, 1994), de Edward Zwick. O filme trata da saga de uma família e traz temas como o adultério, a morte, a superstição – presentes também em *Palmeira seca*. Comente-o com os alunos. Em seguida, estabeleça um prazo para a leitura do livro.

## Do texto ao contexto

2. Promova um debate sobre o livro, após o prazo para a leitura. Ele tomará, ao menos, duas aulas. Participe do debate, trazendo os temas transversais para a discussão. Incentive os alunos a se questionarem sobre as consequências de uma obediência cega às regras preestabelecidas por uma tradição. Provoque-os, chamando a sua atenção para o poder patriarcal presente na família de Durval, e proponha que reflitam sobre a seguinte questão: se fosse Balbino quem cometesse o adultério, e não Augusta, o fato provocaria tanta revolta dos familiares? Será que ele também teria sido expulso da fazenda?
3. A esse respeito, pode ser interessante assistir com os alunos ao filme *Gabbeh*, de Mohsen Makhmalbaf (Irã/França, 1996), que trata de maneira particularmente rica e sutil o conflito tradição–liberdade. Conta a história de uma jovem de uma remota aldeia iraniana proibida de se casar com o rapaz por quem se apaixonou.

4. É interessante que se realize, em parceria com os professores de História e Geografia, uma pesquisa sobre a condição da mulher na sociedade ao longo do tempo: as conquistas obtidas pelas mulheres no Brasil, o preconceito que ainda sofrem e a situação adversa em que estão em diferentes regiões do mundo, etc. Uma boa sugestão é incluir, entre os temas da pesquisa, a situação da mulher nos regimes extremistas islâmicos, assim como a mutilação genital feminina, amplamente praticada em alguns países africanos. O resultado das pesquisas deve ser estruturado em painéis fixados pela escola seguindo divisões temáticas.
  
5. Duas sugestões de filmes a serem apresentados aos alunos, pois tratam do tema do adultério feminino e do machismo: *Bodas de sangue*, de Carlos Saura (*Bodas de sangre*, França/Espanha, 1981). Baseado na peça homônima de Federico García Lorca, conta a história de um jovem, Leonardo, que se apaixona por uma moça já “prometida” pela família a outro homem. No dia do casamento, Leonardo convence-a a fugir com ele. O noivo persegue-os e uma tragédia acontece. O ideal seria que os alunos assistissem à peça, mas essa versão cinematográfica foi muito bem produzida. O outro filme é *A letra escarlata* (*The scarlet letter*, EUA, 1995), de Roland Joffé. Baseado no livro de Nathaniel Hawthorne, essa versão foi criticada por alterar o final da história. No entanto, as outras quatro versões cinematográficas da obra – de 1917, 1926, 1934 e 1972 – são difíceis de encontrar, e, salvo por essa questão de fidelidade ao original, o filme não é ruim e atende aos propósitos do projeto. Conta a história de uma mulher casada que chega a uma cidade e se apaixona pelo reverendo local. Após a suposta morte de seu marido, que teria sido assassinado por índios, envolve-se com o reverendo e engravida. Recusa-se a revelar à sociedade o nome do pai da

criança e é obrigada a levar sempre costurada nas vestes a letra A de “adúltera”. Um ponto interessante a ser analisado com os alunos, além da intolerância de uma sociedade machista, é a postura do próprio reverendo, que deixa que a mulher seja humilhada para manter intacta sua reputação.

### Encenação de um julgamento

6. A terceira fase do projeto tem o objetivo de promover um maior aprofundamento na complexidade das personagens, tomando como ponto de partida a personagem Augusta. Durante a história, ela é colocada como única culpada pela tragédia que se abate sobre a família, por ter se recusado a batizar a primeira filha com o nome Durvalina e por ter cometido o adultério que acabou culminando no suicídio de Balbino e, posteriormente, em sua própria morte.
7. Proponha que se faça um julgamento da personagem Augusta. Dez alunos devem interpretar as seguintes personagens: juiz; advogado de defesa; promotor; Augusta; Durval; Francisca; Armando; Carlito; João; Betâni.
8. Todas as personagens, exceto Augusta, podem ser utilizadas como testemunhas pela promotoria e pela defesa. O restante dos alunos comporá o júri.
9. Seria interessante que as personagens masculinas fossem interpretadas por meninas e as femininas, por meninos. Essa inversão já exigiria dos alunos um esforço prévio de abertura e relativização.

10. Passe para os alunos o funcionamento de um julgamento, a postura que devem adotar num tribunal, etc. Sugira filmes que apresentem cenas de julgamento, para que os alunos se familiarizem com o ambiente dos tribunais e aprendam um pouco do jargão neles utilizado. Sugestão: *Testemunha de acusação* (*Witness for the prosecution*, EUA, 1957), de Billy Wilder, filme premiado e envolvente. Eles devem conhecer os termos e expressões mais comuns, como *réu*, *meritíssimo*, *recesso*, *corte*, *júri*, *testemunha*, “*protesto!*”, “*esse fato é irrelevante*”, etc. Uma outra sugestão de filme é *Doze homens e uma sentença* (*Twelve angry men*, EUA, 1957), de Sidney Lumet. Embora se passe num ambiente mais informal e não contribua tanto para a aquisição do jargão jurídico, é um filme que mostra com maestria as reviravoltas que pode sofrer a situação de um acusado quando analisada a fundo, e a influência de preconceito e questões pessoais no processo de acusação.
11. Oriente os alunos para que, independentemente de suas preferências pessoais, esforcem-se para desempenhar da melhor maneira possível seus papéis, inclusive procurando dar verossimilhança ao testemunho das personagens do texto.
12. A caracterização das personagens também é um fator importante para a encenação do julgamento. Os alunos devem estar atentos ao ambiente e à época em que se passa a história. Os trajes do juiz e dos advogados podem ser, respectivamente, uma toga improvisada com papel crepom e cartolina preta e um traje social qualquer, pois não há grande variação regional nesse tipo de veste e a distância temporal que separa a história dos dias atuais não chega a ser relevante para o figurino. Já as personagens do livro, desde a ré Augusta até o velho Durval, devem ser caracterizados como sertanejos. Os homens podem usar chapéus (que

devem ser retirados durante o julgamento) e botas, suspensórios e outras peças típicas do vestuário interiorano mais tradicional. Para as personagens femininas, podem-se usar vestidos simples – na época em que se passa a história, mulheres não usavam calças. Essa caracterização será bastante divertida para os alunos (sobretudo se as personagens masculinas forem interpretadas por mulheres e vice-versa!), além de contribuir para que se imprima mais realismo à encenação.

13. No dia do julgamento, pode ser utilizada a própria sala de aula como tribunal, com a mesa do professor como mesa do juiz. Disponha as carteiras em três alas, a da defesa, a da acusação e a do júri.
14. Intervenha no julgamento apenas se necessário. O aluno que representar o juiz deve ser instruído para manter a ordem no tribunal.
15. Após o veredicto, reorganize as carteiras, preferencialmente em círculo, e comente com os alunos o resultado do julgamento. Faça-os perceber que, independentemente da condenação ou absolvição da personagem, o importante é que se perceba que muitas personagens da literatura não são planas, atingindo uma complexidade que por vezes escapa a uma primeira leitura.

